

## CAMINHOS QUE LEVAM AO SUL

**Roberto Oliveira Serra Filho**

**(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)**

**RESUMO:** Este ensaio busca investigar o valor da fotografia e de sua duplicidade dentro do campo literário. Isso porque, ao mesmo tempo que, em muitos casos, o uso da fotografia é comum para atestar factualmente ocorrências do mundo contemporâneo, também se pode observar inúmeros outros em que elas foram utilizadas para ficcionalizar o real, sendo distorcidas, selecionadas, reconfiguradas e sendo transformadas em narrativa. É possível se dizer, até mesmo, em um terceiro caso, que ambas afirmações se presenciam e se sobrepõem, como na obra analisada “Going South”, de Ella Yelich-O’Connor. Ainda, investiga-se também a relação da memória, tanto com a literatura, quanto com a fotografia.

**Palavras-chave:** Fotografia; Memória; Literatura.

A obra “Going South”, de Ella Yelich-O’Connor, apresenta uma série de registros fotográficos juntos a pequenos trechos escritos pela autora durante sua viagem ao continente congelado esquecido, a Antártida. Durante a obra, é narrada a história de Yelich-O’Connor e de como ela sempre teve uma fixação pelo extremo sul do globo, almejando desde de sua infância conhecê-lo. A autora explica que, durante uma visita ao aquário, em uma excursão do seu antigo colégio, conheceu a “corrida romântica para o Polo Sul em 1911-12 entre Robert Scott e Roald Amundsen.” (YELICH-O’CONNOR, 2021, p. 23).

Ella narra que leu compulsivamente todos os diários que descreviam em detalhes os dramas vivenciados pelos exploradores do deserto congelado e, por isso, decidiu que um dia teria que ver com os próprios olhos e ter a experiência de estar lá, no mesmo local onde os seus aventureiros favoritos estiveram. O livro de memórias de Yelich-O’Connor é escrito principalmente pelas belas fotografias da paisagem quase surrealista da Antártida, o que nos leva a pensar como as imagens não só ajudam a contar a narrativa que a autora propõe, como também constroem, por si, parte da história e, analogamente, se apresentam como documentos importantes que mostram como as mudanças climáticas afetaram aquele ambiente.

[Figura 1 - The airplane]



Fonte: Yelich-O'Connor, 2021, p. 22

Ironicamente, essa onda de turismo gerou aumento das emissões de carbono, devido às viagens aéreas de longa distância e danos à infraestrutura sobrecarregada. Em 2011, a Organização Marinha Internacional introduziu novas restrições em torno dos tipos de combustível que podem ser queimados em águas antárticas, e os navios de cruzeiro que visitam a área são supostamente muito mais verdes.(YELICH-O'CONNOR, 2021, p. 35)

Desde sua criação no século XIX a fotografia vem causando discussões que buscam entender tanto seu valor documental, capaz de reviver memórias de um povo ou de permitir guardar parte da história de toda uma cultura, quanto o seu valor artístico, possibilitando criar e desenvolver narrativas complexas que de certa forma recriam a realidade. Nesse ensaio, proponho traçar um ponto de interseção entre esses dois lados do diálogo, partindo dos usos da linguagem não verbal feitos por Ella Yelich-O'Connor em "Going South".

[Figura 2 - Scott Base]



Fonte: Yelich-O'Connor, 2021, p.40

Assim, quando nos atentamos, em um primeiro momento, para o aspecto da fotografia enquanto registro/documento, buscamos tentar entender que essa representação da realidade produzida a partir de reações químicas conquistou, desde sua pesquisa inicial por Niépce, o “título” de sinônimo de uma veracidade incontestável dos fatos por ela registrados, justamente por conseguir “criar um duplo” da realidade. Outrossim, quando falamos do conceito de memória, a historiadora Jacy A. de Seixas vai defender em sua pesquisa “Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais” que existiria uma produção desse efeito de “(re)criação do passado e de uma realidade que aconteceu”. O mesmo acontece com a fotografia, “reconstruindo de maneira engajada a forma como grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstroem sua identidade”, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento (SEIXAS, 2001).

Diante do exposto, o que Ella vai defender em sua obra, a partir das fotografias, é a necessidade de se construir e preservar uma memória do continente congelado, deixando claro em longas passagens sua vontade em preservar aquele ecossistema.

Estar na Antártida esclareceu o quão profundamente vulnerável ela é e como precisa de proteção. Mas, foi preciso vir aqui para que esse conhecimento fosse galvanizado e, ao vir para cá, também fui uma pequena parte de sua deterioração. Como se poderia esperar que as pessoas protegessem um lugar como a Antártida sem nunca vê-lo por si mesmas? (YELICH-O'CONNOR, 2021, p. 23)

Entretanto, apesar de representações de uma realidade, a memória e a fotografia não podem ser concebidas como puramente verdadeiras, uma vez que é possível “selecionar” e “recortar” partes do real a fim de iludir ou manipular. Isso seria possível já que, conforme o historiador belga Marcel Detienne vai argumentar em “Os mestres da verdade”, “possuir a verdade é também ser capaz de enganar” (DETIENNE, 1988).

Neste sentido, Natalia Brizuela comenta em sua obra *Depois da Fotografia* que a “fotografia não ‘redime’ a realidade, mas inventa realidade”, o que podemos entender como a “corda bamba” que a escrita com a luz estende sobre os dois “precipícios”, enquanto representação fidedigna da realidade e motor de criação de nova realidade fictícia, é bem fina (2014, p.14). Como resultado, Yelich-O’Connor vai jogar com essa dualidade de leitura da fotografia o tempo todo em sua obra, ora apontando mais para os aspectos de registro, ora criando passagens puramente narrativas e imagéticas.

Esse “jogo” de escrita vai se dar pelas contradições dentro do próprio método de fotografar. Ao estabelecer um enquadramento, definir o que pode ou não pode participar da composição de um registro fotográfico, já está sendo operada a criação de uma nova realidade. “Como resultado da contradição interna que constitui toda fotografia – pertence ao mundo, mas não é o mundo; é familiar, mas também estranha –, o meio é marcado pelo inquietante, pelo sinistro – pelo *unheimlich*” (BRIZUELA, 2014, p.20).

[Figura 3 - The crevasse]



Fonte: Yelich-O’Connor, 2021, p. 44

Ademais, vale destacar ainda partes da obra de Ella onde suas descrições se tornam bastantes semelhantes aos recursos utilizados na linguagem fotográfica, como na seguinte passagem:

O avião que te leva para o sul não é uma aeronave normal. Não há TVs, nem mesinhas para sua refeição e bebida. É uma grande concha escura, nas bordas todos os sinais de PERIGO e estêncil e fio exposto. O banheiro está escondido atrás de uma cortina cáqui. Sentamo-nos ao longo de paredes sem janelas, viradas para as nossas malas, que estão amontoadas e amarradas no centro.(YELICH-O'CONNOR, 2021, p. 27)

Segundo Brizuela, essa contaminação da literatura pela fotografia poderia ser observada a partir do “paradigma de uma nova sintaxe e de uma nova literatura utilizando certas características do dispositivo fotográfico”. Ela também lista exemplos de que características seriam essas, “como a indexicalidade, o corte, o ponto de vista, o pôr em cena, a dupla temporalidade (passado-presente/o que foi-o agora)” (2014, p. 23).

Dessa forma, fica evidente como o uso da fotografia e da linguagem fotográfica, na literatura, enquanto instrumento de criação narrativa não acaba por excluir o seu valor como registro documental e o contrário também não seria possível. Tal condição revela uma dualidade natural estabelecida entre o real e o ficcional, sendo possível a coexistência das duas até mesmo em uma mesma obra, como observado em “Going South”.

### **Referências bibliográficas:**

BRIZUELA, Natalia. **Depois da fotografia**: uma literatura fora de si. São Paulo: Rocco Digital, 2014.

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NEXARA, Márcia (Org.). **Memória e (Res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2001.

YELICH-O'CONNOR, Ella. **Going South**. Nova Zelândia: [s.n.], 2021.